



Urdimento


REVISTA DE ESTUDOS EM ARTES CÊNICAS
E-ISSN 2358.6958

Improvisar para revelar: a escola em cena e os discursos que a constituem

Eduardo Piras

Para citar esta Resenha:

PIRAS, Eduardo. Improvisar para revelar: a escola em cena e os discursos que a constituem. **Urdimento** – Revista de Estudos em Artes Cênicas, Florianópolis, v. 1, n. 57, abr. 2026.

 DOI: 10.5965/1414573101572026e0802

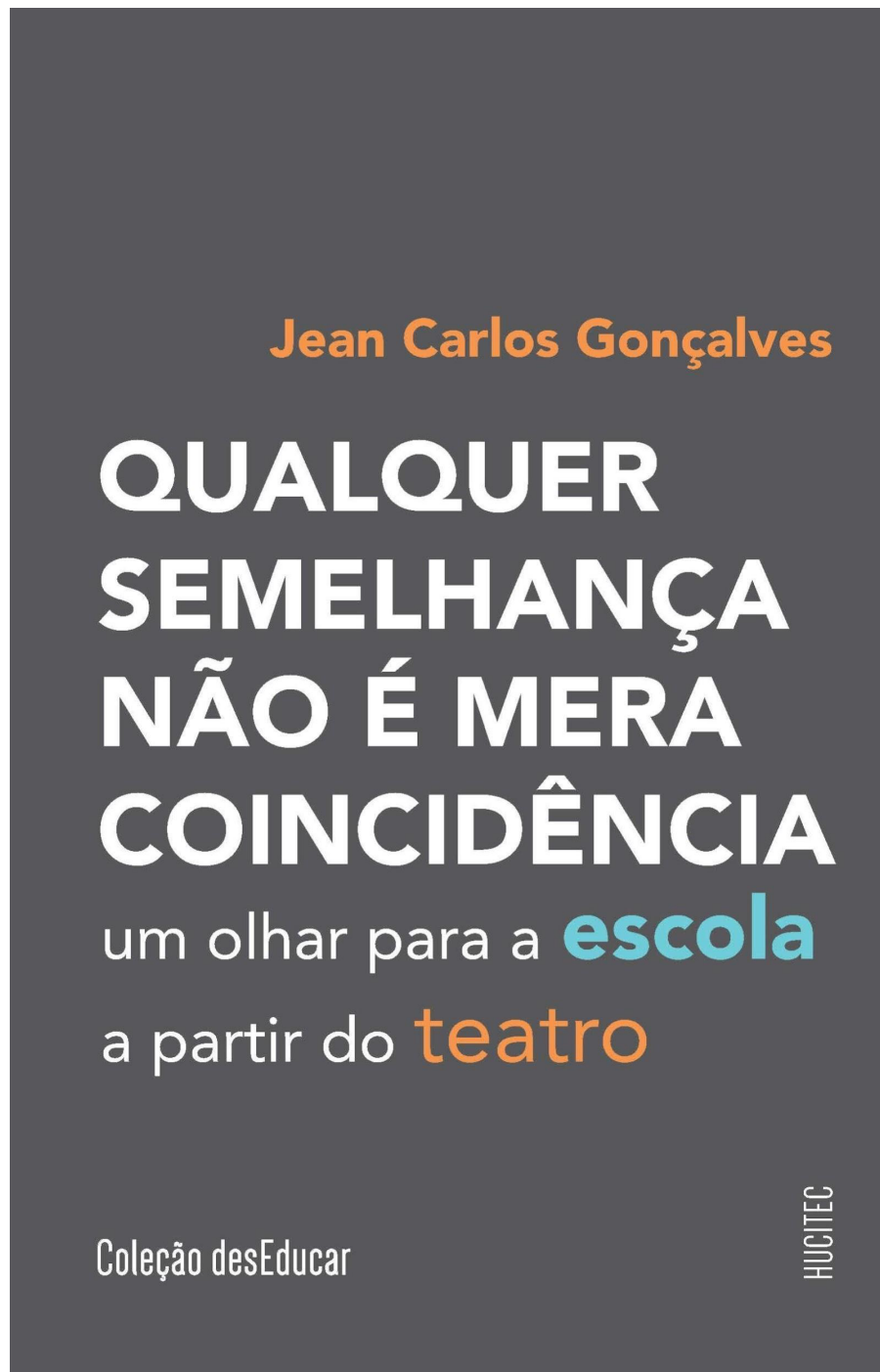


A Urdimento esta licenciada com: [Licença de Atribuição Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) – (CC BY 4.0)



Resenha da obra

GONÇALVES, Jean Carlos. **Qualquer semelhança não é mera coincidência**: um olhar para a escola a partir do teatro. São Paulo: Hucitec Editora, 2023. 118 p. (Coleção desEducar v.1). ISBN 978-85-8404-292-0





Improvisar para revelar: a escola em cena e os discursos que a constituem¹

Eduardo Piras²

Resumo

A obra *Qualquer Semelhança Não É Mera Coincidência*, de Jean Carlos Gonçalves, analisa a escola como espaço simbólico e performativo, utilizando a improvisação teatral como método investigativo e político. Fundamentada na Análise Dialógica do Discurso e em estudos foucaultianos, a pesquisa revela como discursos escolares são tensionados e contestados na cena teatral. Por meio de uma estrutura dramatúrgica e de jogos teatrais, o autor evidencia relações de poder, subjetividades e disputas simbólicas no cotidiano escolar. O trabalho contribui para as áreas de Educação, Linguagem e Arte ao valorizar a escuta e o testemunho como formas legítimas de produção de conhecimento.

Palavras-chave: Improvisação teatral. Análise dialógica. Discurso escolar. Educação e arte. Poder e linguagem.

Improvising to reveal: the school on stage and its constituent discourses

Abstract

The work *Qualquer Semelhança Não É Mera Coincidência*, by Jean Carlos Gonçalves, analyzes the school as a symbolic and performative space, using theatrical improvisation as an investigative and political method. Based on Dialogic Discourse Analysis and Foucaultian studies, the research reveals how school discourses are tensioned and contested on theatrical studies. Through a dramaturgical structure and theater games, the author highlights power relations, subjectivities, and symbolic disputes in everyday school life. The work contributes to Education, Language and Art by valuing listening and testimony as legitimate forms of knowledge production.

Keywords: Theatrical improvisation. Dialogic analysis. School discourse. Education and art. Power and language.

Improvisar para revelar: la escuela en escena y los discursos que la constituyen

Resumen

La obra *Cualquier semejanza no es mera coincidencia*, de Jean Carlos Gonçalves, analiza la escuela como espacio simbólico y performativo, utilizando la improvisación teatral como método investigativo y político. Basada en el Análisis Dialógico del Discurso y estudios foucaultianos, la investigación revela cómo los discursos escolares son tensionados y cuestionados en la escena teatral. Mediante una estructura dramatúrgica y juegos teatrales, el autor evidencia relaciones de poder, subjetividades y disputas simbólicas en el cotidiano escolar. El trabajo aporta a la Educación, Lenguaje y Arte al valorar la escucha y el testimonio como formas legítimas de producción de conocimiento.

Palabras clave: Improvisación teatral. Análisis dialógico. Discurso escolar. Educación y arte. Poder y lenguaje.

¹ Revisão ortográfica, gramatical e contextual da resenha realizada por Matheus Gonsalves das Neves, mestrando em Letras, vinculado à linha de pesquisa Linguagem e Práticas Sociais, no Programa de Pós-Graduação em Letras (PGLetras) da Universidade Federal do Paraná.

² Mestrando em Educação, vinculada/o à linha de pesquisa LiCorEs – Linguagem, Corpo e Estética na Educação, no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) na Universidade Federal do Paraná (UFPR).

 edu.pirasneto@gmail.com

 <https://lattes.cnpq.br/1533006981658155>  <https://orcid.org/0009-0007-8531-6213>

Jean Carlos Gonçalves, em *Qualquer Semelhança Não É Mera Coincidência: um olhar para a escola a partir do teatro* (Hucitec, 2023), oferece ao leitor uma forma provocativa e original, valendo-se da linguagem teatral, em especial da improvisação, como método investigativo, epistemológico e político. A obra, que revisita e atualiza a dissertação de mestrado do autor, defendida em 2008, é reescrita com a maturidade intelectual acumulada ao longo de anos de atuação acadêmica no campo da Educação, das Linguagem e das Artes.

A proposta central da obra é examinar os sentidos atribuídos à escola por meio da prática da improvisação teatral. Gonçalves propõe que os discursos encenados, mesmo quando emergem de jogos cênicos espontâneos, não apenas representam a escola, mas também a produzem simbolicamente, deslocando, resignificando e até contestando os sentidos cristalizados sobre ela. Nesse sentido, a escola se torna, na perspectiva do autor, uma cena viva, na qual se encenam disputas por poder, lugares de fala, subjetividades e identidades.

Inserida na linha de pesquisa “Discurso e Práticas Educativas”, a obra ancora-se teoricamente na *Análise Dialógica do Discurso*, formulada por Bakhtin e o Círculo³, estabelecendo um diálogo fértil com os estudos de Michel Foucault sobre o saber, poder e discurso. Essa articulação é uma das grandes contribuições da obra: ao reunir Bakhtin e Foucault, Gonçalves constrói uma abordagem metodológica potente, que permite analisar os enunciados como eventos históricos e sociais constituídos por múltiplas vozes e tensionados por relações de poder. A leitura dialógica proposta vai além da superfície do discurso, evidenciando os conflitos e as disputas que o permeiam.

O livro é estruturado em uma dinâmica dramatúrgica, na qual cada ato de cena representa um “capítulo”; desse modo, a obra assume uma teatralidade como forma de estudo. No 1º Ato, Gonçalves compartilha com o leitor o percurso de sua pesquisa, os deslocamentos teóricos vivenciados e as escolhas metodológicas realizadas. O que inicialmente seria uma investigação sobre a

³ Mikhail Bakhtin e seu “Círculo” foram um grupo de intelectuais russos que desenvolveram teorias sobre a linguagem, o discurso e a literatura, com foco no dialogismo, na interação social e na relação entre linguagem e contexto.



improvisação como recurso didático evolui para uma pesquisa voltada à compreensão dos sentidos de escola construídos por estudantes de teatro a partir da improvisação. Trata-se de um movimento epistemológico significativo, que prioriza a escuta dos sujeitos e das vozes dissidentes que habitam o espaço escolar ainda que muitas vezes silenciadas.

No 2º Ato, o autor estabelece o pano de fundo teórico e conceitual da obra. As contribuições de Viola Spolin e Keith Johnstone são mobilizadas para situar a improvisação como prática cênica e pedagógica centrada na espontaneidade e na escuta do outro. A esse diálogo, Gonçalves acrescenta as contribuições de Anne Ubersfeld e de Bakhtin sobre a dupla enunciação, destacando a coexistência das vozes do autor e do personagem na cena teatral. Com isso, evidencia-se que os estudantes, ao improvisarem, não apenas representam papéis, mas também produzem sentidos a partir de suas experiências e de seus lugares sociais.

É nesse ponto que a obra se afirma como um projeto de escuta: escutar o que os sujeitos têm a dizer sobre a escola, não apenas enquanto vivência, mas como produção cênica. A presença de Foucault no texto amplia essa análise, permitindo ao autor investigar os mecanismos de controle, vigilância e disciplina presentes nos discursos sobre o espaço escolar. A escola, assim, é compreendida como uma instituição na qual as relações de poder são negociadas, tensionadas e, por vezes, subvertidas.

O 3º Ato é o “ponto alto” da obra. Nele, Gonçalves analisa os dados empíricos produzidos a partir de oficinas teatrais realizadas com estudantes de teatro. Os jogos de improvisação foram gravados, transcritos e interpretados com base na Análise Dialógica do Discurso e nas contribuições foucaultianas. Os personagens criados pelos estudantes ocupam lugares sociais que revelam e questionam os modos de funcionamento da escola como instituição disciplinar.

A cena em que aparece o professor (p. 61), por exemplo, evidencia o papel ambíguo que esse sujeito ocupa: ora visto como autoridade incontestável, ora como alguém em constante negociação. Já a diretora é representada como figura de soberania, cujo discurso autoritário simboliza um poder institucional quase absoluto. O personagem “Bobo”, nomeado pelo autor, se destaca por seu papel de



resistência política. Ele questiona, desafia e perturba a lógica do controle, um personagem de representatividade política fundamental pelo poder de manipular de forma lúdica interesses seus ou de outrem, tornando-se uma metáfora da voz dissonante e do sujeito que insiste em não se enquadrar em dinâmicas de soberania e autoritarismo. As “Gêmeas”, outras personagens nomeadas pelo autor, por sua vez, representam a ausência de personalidade do sujeito: silenciosas, conformadas e ocupando um lugar de reprodução do discurso dominante, a fim de manter sua imagem social preservada ao custo da neutralidade.

O autor também oferece uma análise sensível do espaço físico da escola. A disposição das carteiras, a centralidade do professor, o controle do corpo e da fala: todos esses elementos são lidos como dispositivos de poder, que moldam os sujeitos e suas possibilidades de enunciação. Aqui, o teatro se revela uma ferramenta não apenas de representação, mas de evidência de estruturas que sustentam a escola como espaço de ordenamento simbólico e disciplinar.

O epílogo do livro conecta-se com precisão às reflexões desenvolvidas ao longo da obra. Gonçalves reafirma a linguagem como dimensão constitutiva da vida social e da subjetividade, defendendo a prática teatral como um caminho para a escuta, o diálogo e a transformação. A inclusão da seção “Palavras ao Vento – Memórias da Escola”, após a escrita do epílogo, enriquece ainda mais o texto, reunindo vozes diversas que compartilham suas experiências escolares de forma sensível e potente. Trata-se de uma escolha política e ética, que valoriza o testemunho, a memória e a multiplicidade dos olhares sobre a escola.

Gonçalves finaliza sua obra com a afirmação que a intitula: “*Qualquer semelhança não é mera coincidência*”. De fato, ao encenar a escola no palco da linguagem, ele nos provoca a reflexões profundas sobre nossas práticas cotidianas, nossos modos de educar e de sermos educados, convidando-nos a imaginar e construir outros possíveis caminhos para a cena escolar, tanto no âmbito educacional quanto no artístico.

Do ponto de vista acadêmico, pode-se concluir que: *Qualquer Semelhança Não É Mera Coincidência: um olhar para a escola a partir do teatro* representa uma contribuição relevante e original para os estudos em Educação, Linguagem e Artes



Cênicas. Ao propor o teatro como método de investigação e produção de conhecimento, a obra rompe com paradigmas tradicionais da pesquisa qualitativa e amplia o escopo do que se entende por práticas educativas e pedagógicas. Mais do que uma dissertação, a obra é um convite à ressignificação do ambiente e da estrutura escolar, à valorização das vozes que a habitam e à escuta dos silêncios que a constituem.

Trata-se de uma obra que não apenas discute a escola, mas a performa. É uma escrita viva e engajada, que mobiliza teoria, prática e afeto. Uma leitura indispensável para pesquisadores, professores, estudantes e artistas que acreditam na potência transformadora da educação e na capacidade da arte de iluminar o que, por vezes, permanece velado.

Recebido em: 21/10/2025

Aprovado em: 02/03/2026

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC
Programa de Pós-Graduação em Teatro – PPGT
Centro de Arte – CEART
Urdimento – Revista de Estudos em Artes Cênicas
Urdimento.ceart@udesc.br